

## “O futebol é uma atividade social e econômica coletiva”

**Por Anderson David Gomes dos Santos**

Professor da Unidade Educacional Santana do Ipanema/Campus Sertão da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Contato: [anderson.gomes@santana.ufal.br](mailto:anderson.gomes@santana.ufal.br).

Alguns interesses de pesquisa mobilizam os coordenadores deste dossiê da Revista EPTIC sobre esporte-espetáculo: extensão da mercantilização dos jogos, com a participação da Indústria Cultural; caminhos para a resistência dos torcedores nesse processo, visto como elemento crucial da prática esportiva; e as lutas de poder em torno disso, especialmente considerando as possibilidades de regulação.

Para a entrevista deste dossiê, encontramos uma excelente referência no pesquisador espanhol Borja García (Loughborough University). Com uma conversa que durou quase 2 horas, diante de tantas questões pertinentes a serem discutidas sobre o futebol na contemporaneidade, apresentamos aqui uma versão editada, mas que levanta diversas questões de análise social e acadêmica sobre este esporte.

Garcia é professor sênior de Política e Gestão de Esportes na Loughborough University (Reino Unido), um dos principais especialistas no estudo da política esportiva da União Europeia, governança esportiva e ativismo de torcedores de futebol. Entre outros projetos, foi um dos investigadores principais do Projeto FREE, onde liderou um programa de pesquisa sobre a opinião dos torcedores de futebol sobre a governança do jogo. Ele também é o fundador da Sport Andeu, a primeira rede acadêmica paneuropeia para o estudo do esporte e da União Europeia.



Creative Commons



Atribuição



NãoComercial



Compartilhalgal

**Anderson Santos: Quero começar com a pergunta talvez mais complexa: De quem é o jogo de futebol hoje?**

Borja García: O futebol é de todos. Acredito que o futebol deve ser, como diz a UNESCO, um patrimônio da humanidade.

O problema do futebol, como de muitas coisas em geral, é que tanto no nível popular quanto no nível mais comercial, você precisa de muita gente. Quer dizer, precisa de gente que jogue, que arbitre, alguém que até na rua meta quatro pedras... Precisa dos treinadores, dos torcedores, das mães e dos pais que levam as crianças.

E se falamos de futebol profissional, mas o futebol parece não querer entendê-lo, é porque não se pode organizar sem todos os seus componentes. O futebol não pode ser organizado se não tiver todos os companheiros, os jogadores, os treinadores, os árbitros, se não tiver os torcedores! E se você não tem os clubes, e os clubes precisam de outros clubes.

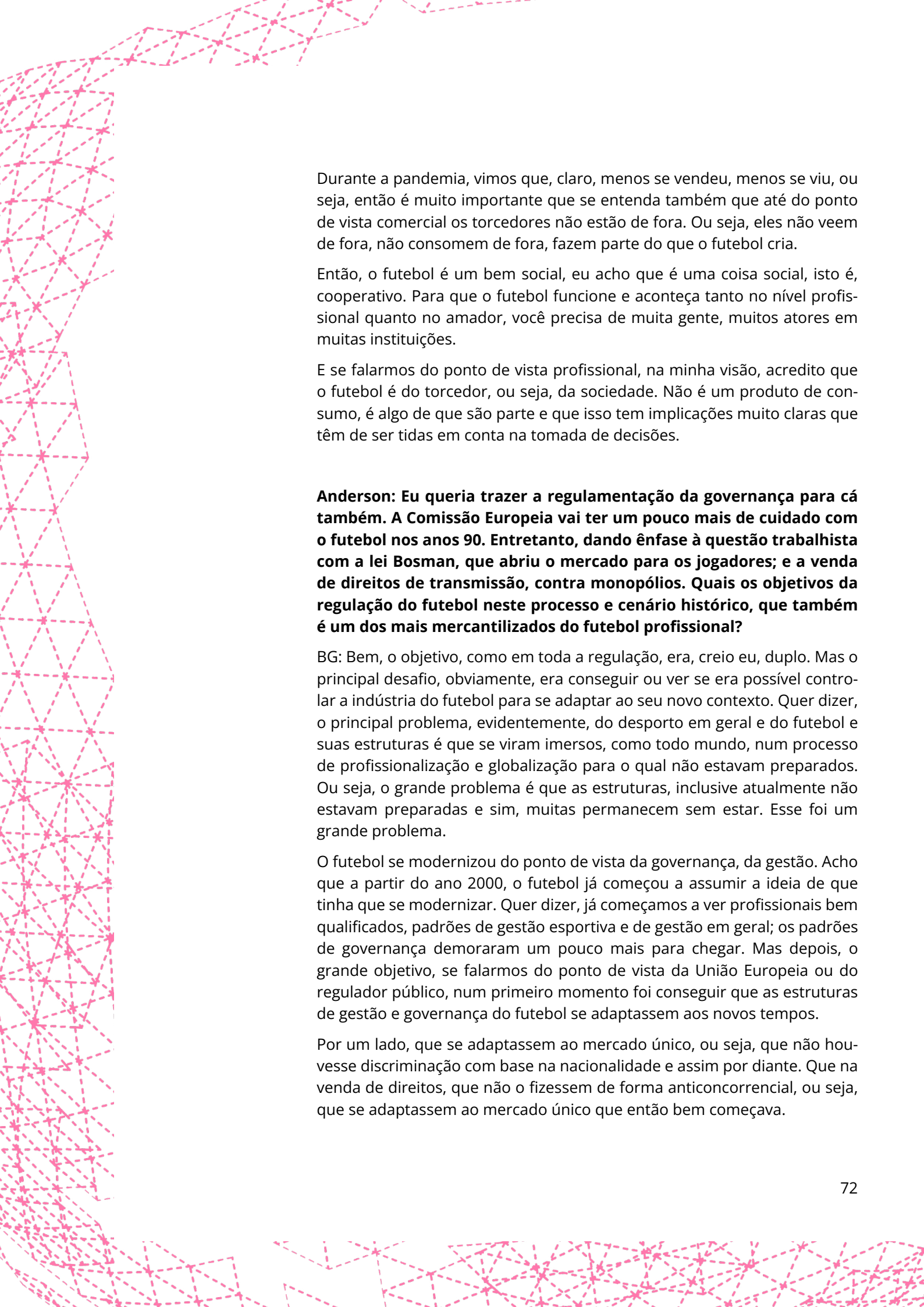
O futebol é uma atividade social e econômica coletiva. E isso vai de encontro aos interesses de muitos atores e não vou falar de pessoas, mas atores, organizações que querem tornar o futebol menos coletivo. Mas é que não pode existir futebol menos coletivo. Em outras palavras, não importa quão profissional, não importa quão comercial, você precisa de uma multiplicidade de atores.

O futebol não é para os clubes, para a FIFA, para a UEFA, não é só para os torcedores, porque se não houver clubes os torcedores não têm a quem queira torcer. Existem muitas organizações e muitas partes do futebol que não entendem ou não querem entender. Porque não é que não entenda, é que o que eles querem é mais parte do bolo para eles.

Eles obviamente querem distribuir o mínimo possível. É evidente que existem organizações, que existem atores que podem ser menos necessários do que outros. Claro, os clubes agora dizem: “não precisamos da UEFA, nós nos organizamos”. O que é possível. Eu não te diria que não, mas eles ainda precisam de algo. Eles precisam de alguém para organizar a coisa.

Vimos isso muito claramente na pandemia. Você precisa dos espectadores. O futebol sem os torcedores não pode existir. Sim, claro, pode jogar, mas a nível profissional não é a mesma coisa. E se falamos do ponto de vista sociocultural, e nos referimos sobretudo ao esporte e ao esporte profissional, creio que precisamente por ser coletivo, por ser cultural, o futebol não pode ou não deve – porque por força não devem ser mercantilizados e acabam sendo, acabam nas mãos de um pequeno número de responsáveis.

Então, obviamente, vamos debater se o futebol é dos torcedores ou dos clubes. Acredito que o futebol é da sociedade, e a sociedade é representada pelos diferentes tipos de torcedores. Futebol não é supermercado. Para mim, essa interpretação é uma perversão do que é o futebol.



Durante a pandemia, vimos que, claro, menos se vendeu, menos se viu, ou seja, então é muito importante que se entenda também que até do ponto de vista comercial os torcedores não estão de fora. Ou seja, eles não veem de fora, não consomem de fora, fazem parte do que o futebol cria.

Então, o futebol é um bem social, eu acho que é uma coisa social, isto é, cooperativo. Para que o futebol funcione e aconteça tanto no nível profissional quanto no amador, você precisa de muita gente, muitos atores em muitas instituições.

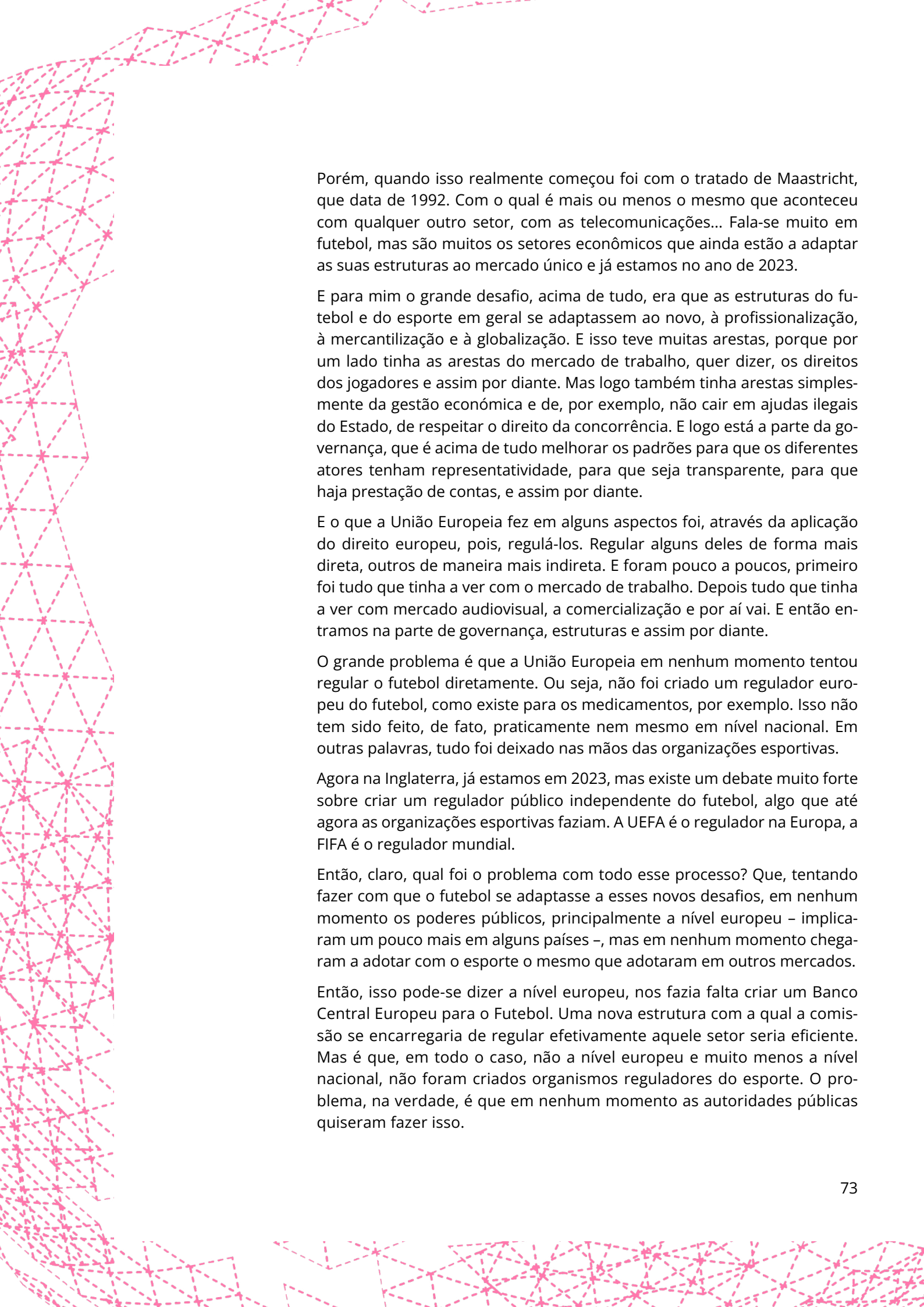
E se falarmos do ponto de vista profissional, na minha visão, acredito que o futebol é do torcedor, ou seja, da sociedade. Não é um produto de consumo, é algo de que são parte e que isso tem implicações muito claras que têm de ser tidas em conta na tomada de decisões.

**Anderson: Eu queria trazer a regulamentação da governança para cá também. A Comissão Europeia vai ter um pouco mais de cuidado com o futebol nos anos 90. Entretanto, dando ênfase à questão trabalhista com a lei Bosman, que abriu o mercado para os jogadores; e a venda de direitos de transmissão, contra monopólios. Quais os objetivos da regulação do futebol neste processo e cenário histórico, que também é um dos mais mercantilizados do futebol profissional?**

BG: Bem, o objetivo, como em toda a regulação, era, creio eu, duplo. Mas o principal desafio, obviamente, era conseguir ou ver se era possível controlar a indústria do futebol para se adaptar ao seu novo contexto. Quer dizer, o principal problema, evidentemente, do desporto em geral e do futebol e suas estruturas é que se viram imersos, como todo mundo, num processo de profissionalização e globalização para o qual não estavam preparados. Ou seja, o grande problema é que as estruturas, inclusive atualmente não estavam preparadas e sim, muitas permanecem sem estar. Esse foi um grande problema.

O futebol se modernizou do ponto de vista da governança, da gestão. Acho que a partir do ano 2000, o futebol já começou a assumir a ideia de que tinha que se modernizar. Quer dizer, já começamos a ver profissionais bem qualificados, padrões de gestão esportiva e de gestão em geral; os padrões de governança demoraram um pouco mais para chegar. Mas depois, o grande objetivo, se falarmos do ponto de vista da União Europeia ou do regulador público, num primeiro momento foi conseguir que as estruturas de gestão e governança do futebol se adaptassem aos novos tempos.

Por um lado, que se adaptassem ao mercado único, ou seja, que não houvesse discriminação com base na nacionalidade e assim por diante. Que na venda de direitos, que não o fizessem de forma anticoncorrencial, ou seja, que se adaptassem ao mercado único que então bem começava.



Porém, quando isso realmente começou foi com o tratado de Maastricht, que data de 1992. Com o qual é mais ou menos o mesmo que aconteceu com qualquer outro setor, com as telecomunicações... Fala-se muito em futebol, mas são muitos os setores econômicos que ainda estão a adaptar as suas estruturas ao mercado único e já estamos no ano de 2023.

E para mim o grande desafio, acima de tudo, era que as estruturas do futebol e do esporte em geral se adaptassem ao novo, à profissionalização, à mercantilização e à globalização. E isso teve muitas arestas, porque por um lado tinha as arestas do mercado de trabalho, quer dizer, os direitos dos jogadores e assim por diante. Mas logo também tinha arestas simplesmente da gestão económica e de, por exemplo, não cair em ajudas ilegais do Estado, de respeitar o direito da concorrência. E logo está a parte da governança, que é acima de tudo melhorar os padrões para que os diferentes atores tenham representatividade, para que seja transparente, para que haja prestação de contas, e assim por diante.

E o que a União Europeia fez em alguns aspectos foi, através da aplicação do direito europeu, pois, regulá-los. Regular alguns deles de forma mais direta, outros de maneira mais indireta. E foram pouco a poucos, primeiro foi tudo que tinha a ver com o mercado de trabalho. Depois tudo que tinha a ver com mercado audiovisual, a comercialização e por aí vai. E então entramos na parte de governança, estruturas e assim por diante.

O grande problema é que a União Europeia em nenhum momento tentou regular o futebol diretamente. Ou seja, não foi criado um regulador europeu do futebol, como existe para os medicamentos, por exemplo. Isso não tem sido feito, de fato, praticamente nem mesmo em nível nacional. Em outras palavras, tudo foi deixado nas mãos das organizações esportivas.

Agora na Inglaterra, já estamos em 2023, mas existe um debate muito forte sobre criar um regulador público independente do futebol, algo que até agora as organizações esportivas faziam. A UEFA é o regulador na Europa, a FIFA é o regulador mundial.

Então, claro, qual foi o problema com todo esse processo? Que, tentando fazer com que o futebol se adaptasse a esses novos desafios, em nenhum momento os poderes públicos, principalmente a nível europeu – implicaram um pouco mais em alguns países –, mas em nenhum momento chegaram a adotar com o esporte o mesmo que adotaram em outros mercados.

Então, isso pode-se dizer a nível europeu, nos fazia falta criar um Banco Central Europeu para o Futebol. Uma nova estrutura com a qual a comissão se encarregaria de regular efetivamente aquele setor seria eficiente. Mas é que, em todo o caso, não a nível europeu e muito menos a nível nacional, não foram criados organismos reguladores do esporte. O problema, na verdade, é que em nenhum momento as autoridades públicas quiseram fazer isso.

**Anderson: Chegamos então à captura da regulação europeia do futebol pelas entidades futebolísticas. Como isso tem sido demonstrado nos últimos anos?**

BG: A primeira coisa a entender é que tampouco é um processo raro. O mercado muitas vezes captura os interesses do regulador, porque no final eles têm muitos interesses em comum. No caso da União Europeia, é uma coisa mais política. Por outras palavras, no fundo é uma captura em certo sentido, porque depende também daquilo que se pensa que a Comissão Europeia deve fazer.

Porque, claro, é captura se dissermos que a Comissão Europeia tem de liberalizar tudo, porque é isso que ela tem feito, é um agente liberalizador. Ou seja, não é um regulador, é um agente desregulador. Então, claro, no mundo do futebol, em princípio o Tribunal de Justiça e a Comissão Europeia, o caso Bosman e as primeiras decisões, isso teve um efeito liberalizador.

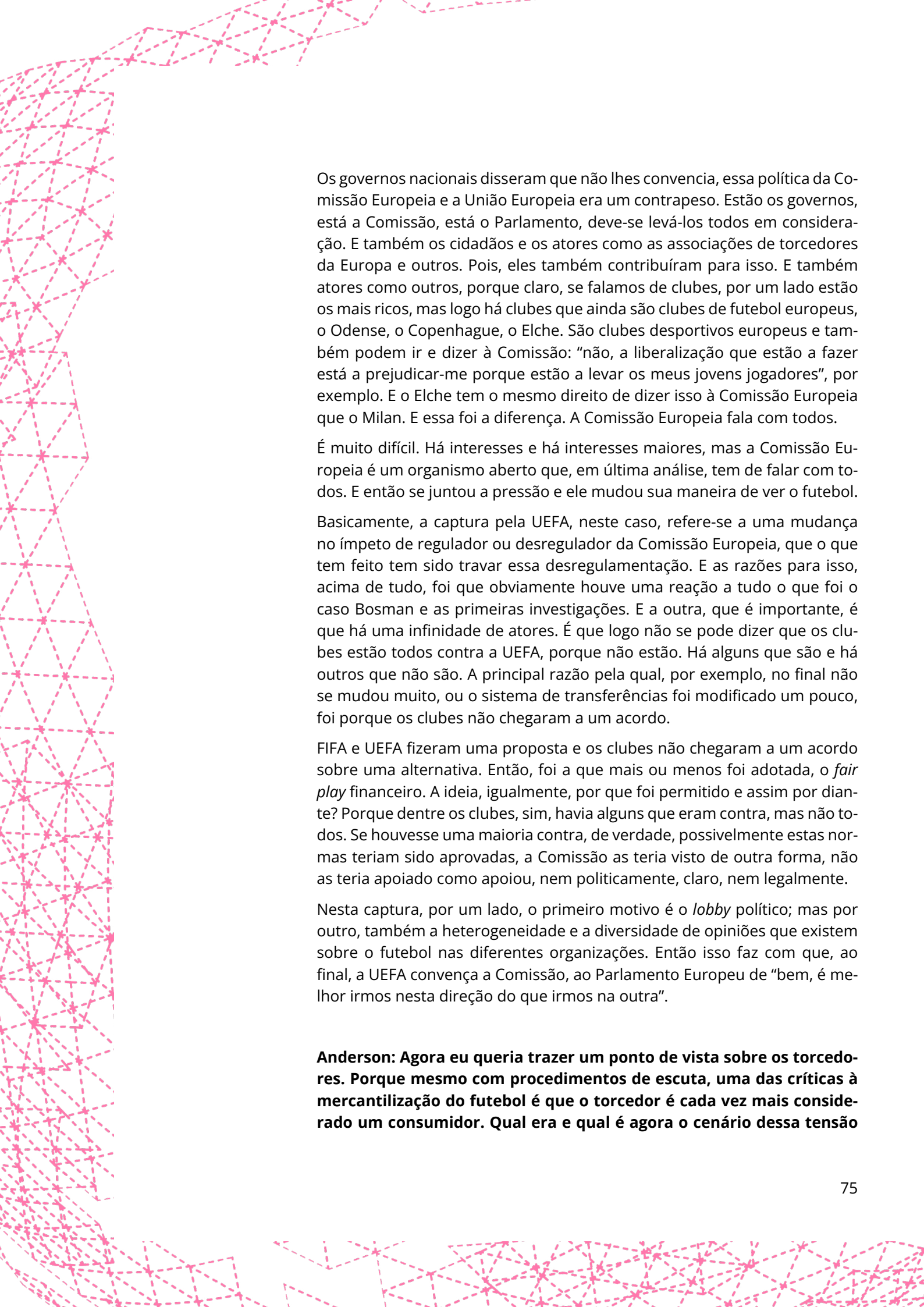
No entanto, houve um movimento político, de *lobby*, por parte de alguns atores, obviamente o Comitê Olímpico Internacional (COI), a FIFA, a UEFA, que você sempre pode duvidar de seus interesses. Mas não só eles, é preciso lembrar sempre que sim, claro, o COI, a FIFA e a UEFA sempre irão contra esse efeito liberalizador porque tira o poder deles. Essa é uma das razões pelas quais a FIFA e a UEFA queriam o contrário, ou seja, que o futebol fosse entendido de uma forma mais social, cultural e outra.

Essa relação entre o futebol entendido como atividade comercial e o futebol entendido como atividade social. E é na relação entre essas duas definições que está a captura.

A captura deve ser entendida desde quando a Comissão Europeia teve um momento inicial, entre os anos 95 e 2000, aproximadamente, em que entendeu o futebol de forma econômica e social, e logo a partir do ano 2000 passou a entender o futebol e o esporte em geral mais do ponto de vista sociocultural.

E isso a levou a fazer uma política diferente. Quero dizer, é uma captura? O resto de nós chama isso de captura e foi muito útil para nós falarmos sobre teoria de regulação e assim por diante. Mas o que isso é, é uma mudança de política pública. Ou seja, é uma política pública que em um momento e entendia o futebol de uma forma e em outro momento, de repente, aquelas instituições disseram: “não, vamos entender o futebol de maneira distinta”. E isso acontece em todos os lugares e em muitos países quando há mudanças de governo. E aí, muda a forma de entendê-la.

Então, claro, é uma captura, porque em realidade o que tem acontecido é que tem sido um processo de, por muito tempo, *lobby*, de convencimento por parte da FIFA e da UEFA, mas não só eles, por parte dos governos nacionais.



Os governos nacionais disseram que não lhes convencia, essa política da Comissão Europeia e a União Europeia era um contrapeso. Estão os governos, está a Comissão, está o Parlamento, deve-se levá-los todos em consideração. E também os cidadãos e os atores como as associações de torcedores da Europa e outros. Pois, eles também contribuíram para isso. E também atores como outros, porque claro, se falamos de clubes, por um lado estão os mais ricos, mas logo há clubes que ainda são clubes de futebol europeus, o Odense, o Copenhague, o Elche. São clubes desportivos europeus e também podem ir e dizer à Comissão: “não, a liberalização que estão a fazer está a prejudicar-me porque estão a levar os meus jovens jogadores”, por exemplo. E o Elche tem o mesmo direito de dizer isso à Comissão Europeia que o Milan. E essa foi a diferença. A Comissão Europeia fala com todos.

É muito difícil. Há interesses e há interesses maiores, mas a Comissão Europeia é um organismo aberto que, em última análise, tem de falar com todos. E então se juntou a pressão e ele mudou sua maneira de ver o futebol.

Basicamente, a captura pela UEFA, neste caso, refere-se a uma mudança no ímpeto de regulador ou desregulador da Comissão Europeia, que o que tem feito tem sido travar essa desregulamentação. E as razões para isso, acima de tudo, foi que obviamente houve uma reação a tudo o que foi o caso Bosman e as primeiras investigações. E a outra, que é importante, é que há uma infinidade de atores. É que logo não se pode dizer que os clubes estão todos contra a UEFA, porque não estão. Há alguns que são e há outros que não são. A principal razão pela qual, por exemplo, no final não se mudou muito, ou o sistema de transferências foi modificado um pouco, foi porque os clubes não chegaram a um acordo.

FIFA e UEFA fizeram uma proposta e os clubes não chegaram a um acordo sobre uma alternativa. Então, foi a que mais ou menos foi adotada, o *fair play* financeiro. A ideia, igualmente, por que foi permitido e assim por diante? Porque dentre os clubes, sim, havia alguns que eram contra, mas não todos. Se houvesse uma maioria contra, de verdade, possivelmente estas normas teriam sido aprovadas, a Comissão as teria visto de outra forma, não as teria apoiado como apoiou, nem politicamente, claro, nem legalmente.

Nesta captura, por um lado, o primeiro motivo é o *lobby* político; mas por outro, também a heterogeneidade e a diversidade de opiniões que existem sobre o futebol nas diferentes organizações. Então isso faz com que, ao final, a UEFA convença a Comissão, ao Parlamento Europeu de “bem, é melhor irmos nesta direção do que irmos na outra”.

**Anderson: Agora eu queria trazer um ponto de vista sobre os torcedores. Porque mesmo com procedimentos de escuta, uma das críticas à mercantilização do futebol é que o torcedor é cada vez mais considerado um consumidor. Qual era e qual é agora o cenário dessa tensão**

**entre a importância da participação popular como elemento cultural e o controle público da desregulamentação no caso da Europa? Enfim, como as organizações europeias procuram abordar esta questão da participação popular?**

BG - Bem, se falamos dentro do mundo europeu, é evidente que inicialmente tudo o que teve a ver com a desregulação, caso Bosman e demais, favorece a comercialização, pois empurrou os seguidores a um lado, clarissimamente. Porque não apenas da governança e da regulação, senão muito do que se fez desde o ponto de vista da segurança. Claro, não foi a nível europeu, isso a nível nacional, porém, todas as reações ao que passou em Heysel, ao que passou em Hillsborough.


Então, a maneira que se respondeu a isso, pois foi por um lado, clareando um pouco o futebol no sentido de que todos sentados etc., isso logo teve o efeito de encarecer os tickets e isso não diretamente, senão indiretamente aos impulsos, à roda da comercialização. Uma mudança no perfil sociológico das pessoas que vão aos campos. Um câmbio que não necessariamente é ruim. Quer dizer, é muito mais cômodo ir ao futebol hoje em dia. Tampouco há que romantizar o passado, é verdade, porém também é certo esse excesso.

Me parece muito bom que se tenha modernizado e isso tem que evoluir. E sempre se podem ver compromissos, vê-se como na Alemanha conseguiram certo equilíbrio. Ou seja, pode-se chegar a equilíbrios que melhorem, porque temos que melhorá-lo e não podemos estar como estávamos nos anos 80. Isso também há que reconhecer.

Assim, a dinâmica foi mais ou menos essa. Ou seja, por um lado, a liberalização e a comercialização permitidas, claro, mudaram a demografia, a economia, o público. Mais logo isso junto com a resposta do ponto de vista da segurança, de marginalizar certos grupos de seguidores, sempre uma definição negativa deles. Quero dizer, o torcedor foi concebido tanto pelas autoridades futebolísticas quanto esportivas como algo problemático. Então, o retorno para levar em conta os torcedores tem sido uma luta deles, uma luta que eles organizaram, que vem tendo algum apoio político.

Houve governos, autoridades públicas em certos países, que chegou um momento em que eles entenderam de forma diferente, que de fato os torcedores eram organizações e, bem, eles entenderam sua participação de uma forma mais positiva. Mas isso aconteceu porque os torcedores se reuniram e se organizaram. Suponho também porque eles aprenderam e porque, obviamente, você precisa apresentar seu caso e fazê-lo de maneira convincente.

Desta forma, as organizações de seguidores e aficionados se articularam de uma maneira muito séria, ou seja, com pessoas que sabiam o que falavam. O movimento político da torcida se uniu e reivindicou seu espaço, em alguns países mais do que em outros. Sabemos que ele tem sido muito



ativo na Escandinávia, na Suécia, na Noruega, por exemplo, o que é normal, porque esses países também são culturalmente assim, são muito participativos. No sul da Europa, choca muito mais. Até porque há menos associativismo. Porque não existe uma cultura de ação coletiva, como existe no norte da Europa. Isso também deve ser levado em consideração.

Mas no fundo é um movimento social, político, que reivindica o seu espaço dentro das estruturas do futebol e que, evidentemente, chega também num momento em que, por exemplo, essas reivindicações são politicamente boas para certos atores.

Ou seja, Tratado de Maastricht de 1992, início do Euro em 2002... E já a partir do ano 2002, 2003, a União Europeia entra um pouco mais numa era mais social. Ela quer um pouco mais, já não tanto econômico, senão mais social, apoia os cidadãos etc. Então, claro, a União Europeia, seja lá o que for, é para apoiar, seja com dinheiro, os movimentos sociais. Bom, para tudo que é movimento social é uma coisa que, digamos, remava a favor, porque era a pauta que a União Europeia em geral estava desenvolvendo e dentro do mundo do esporte também.

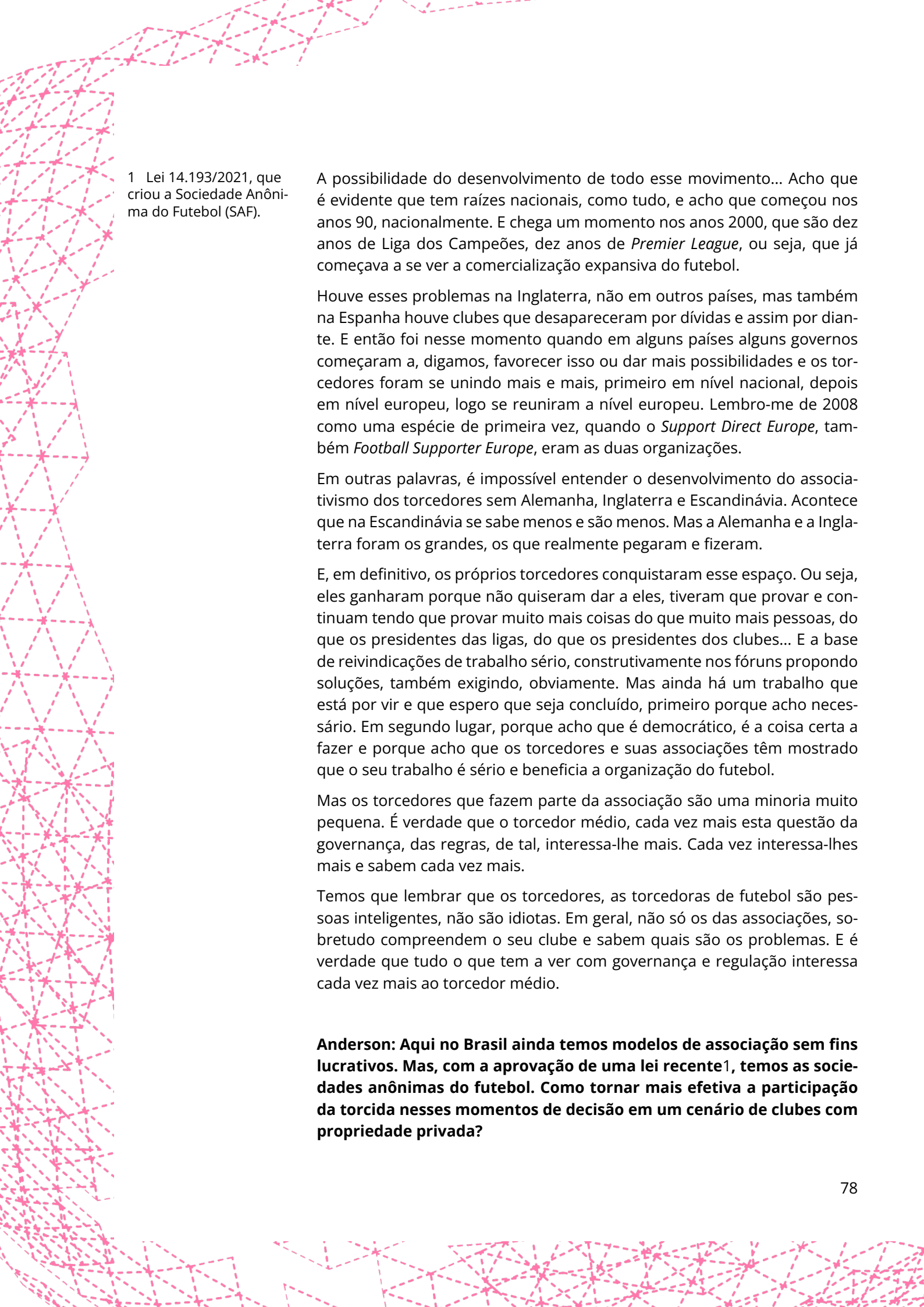
Então, claro, o que realmente aconteceu foi que o associativismo dos seguidores encontrou alguns representantes políticos que favoreceram seus pedidos. No Reino Unido, por exemplo, o governo de Tony Blair por volta do ano 2000. Por quê? Bem, porque naquela época, além disso, houve vários clubes que faliram.

Isso já é mais complicado. Com o colapso da ITV Digital, surgiram muitos problemas financeiros. Então, tudo veio junto. Juntou-se um governo trabalhista com torcedores que começavam a se organizar, com alguns clubes que faliam. Assim, um pouco da tempestade perfeita que o governo de Tony Blair, só nessa ideia do Reino Unido, “bem, vamos facilitar o associativismo dos torcedores”. E mais ou menos a mesma coisa aconteceu na Alemanha e isso veio para a Europa. Chegou na Europa, estamos falando do ano de 2008.

Então, chega uma organização que diz “Somos assim, estamos fazendo isso”. E a Comissão Europeia e o Parlamento Europeu sentam-se com eles. E aí eles começam a dar voz, a dar dinheiro. Ou seja, tudo tem sido, desde o ponto de vista da União Europeia, um alto-falante político para os seguidores, mas também tem sido de dinheiro, o que se chama de *capacity building*. Quer dizer, “damos-lhe dinheiro para fazer isto e aquilo”, e tem sabido aproveitá-lo.

E obviamente, a outra perna do banco que falta, que não é a União Europeia, é a UEFA. Por que a UEFA dedicou um milhão de euros à criação da associação de torcedores? Porque a beneficiava, claro. Mas ainda o fez e outros não fizeram. E isso também é importante.





1 Lei 14.193/2021, que criou a Sociedade Anônima do Futebol (SAF).

A possibilidade do desenvolvimento de todo esse movimento... Acho que é evidente que tem raízes nacionais, como tudo, e acho que começou nos anos 90, nacionalmente. E chega um momento nos anos 2000, que são dez anos de Liga dos Campeões, dez anos de *Premier League*, ou seja, que já começava a se ver a comercialização expansiva do futebol.

Houve esses problemas na Inglaterra, não em outros países, mas também na Espanha houve clubes que desapareceram por dívidas e assim por diante. E então foi nesse momento quando em alguns países alguns governos começaram a, digamos, favorecer isso ou dar mais possibilidades e os torcedores foram se unindo mais e mais, primeiro em nível nacional, depois em nível europeu, logo se reuniram a nível europeu. Lembro-me de 2008 como uma espécie de primeira vez, quando o *Support Direct Europe*, também *Football Supporter Europe*, eram as duas organizações.


Em outras palavras, é impossível entender o desenvolvimento do associativismo dos torcedores sem Alemanha, Inglaterra e Escandinávia. Acontece que na Escandinávia se sabe menos e são menos. Mas a Alemanha e a Inglaterra foram os grandes, os que realmente pegaram e fizeram.

E, em definitivo, os próprios torcedores conquistaram esse espaço. Ou seja, eles ganharam porque não quiseram dar a eles, tiveram que provar e continuam tendo que provar muito mais coisas do que muito mais pessoas, do que os presidentes das ligas, do que os presidentes dos clubes... E a base de reivindicações de trabalho sério, construtivamente nos fóruns propondo soluções, também exigindo, obviamente. Mas ainda há um trabalho que está por vir e que espero que seja concluído, primeiro porque acho necessário. Em segundo lugar, porque acho que é democrático, é a coisa certa a fazer e porque acho que os torcedores e suas associações têm mostrado que o seu trabalho é sério e beneficia a organização do futebol.

Mas os torcedores que fazem parte da associação são uma minoria muito pequena. É verdade que o torcedor médio, cada vez mais esta questão da governança, das regras, de tal, interessa-lhe mais. Cada vez interessa-lhes mais e sabem cada vez mais.

Temos que lembrar que os torcedores, as torcedoras de futebol são pessoas inteligentes, não são idiotas. Em geral, não só os das associações, sobretudo compreendem o seu clube e sabem quais são os problemas. E é verdade que tudo o que tem a ver com governança e regulação interessa cada vez mais ao torcedor médio.

**Anderson: Aqui no Brasil ainda temos modelos de associação sem fins lucrativos. Mas, com a aprovação de uma lei recente<sup>1</sup>, temos as sociedades anônimas do futebol. Como tornar mais efetiva a participação da torcida nesses momentos de decisão em um cenário de clubes com propriedade privada?**



BG – Aí só cabe a regulação.

Quer dizer, um dos grandes problemas, principalmente no Reino Unido, quando Tony Blair lançou, a ideia era boa, que os torcedores entrariam, fossem uma cooperativa e donos do clube. Mas é claro que num futebol tão mercantilizado como o britânico, e logo se tornou o europeu, no final das contas é muito difícil para os torcedores serem donos de um clube. Eles só podem ser em um nível muito baixo, quarta divisão, quinta divisão.

O maior caso que chegou a ficar no topo foi Swansea City, os torcedores tiveram 20%. Aí acabaram vendendo também e, ademais, algumas brigas... Foi a única história de sucesso e acabou mal também.

Em outras palavras, o grande problema é a propriedade. As sociedades anônimas desportivas também não funcionaram, não há propriedade. Mas há alguns casos em que, sim, há muitos fãs que compraram ações.

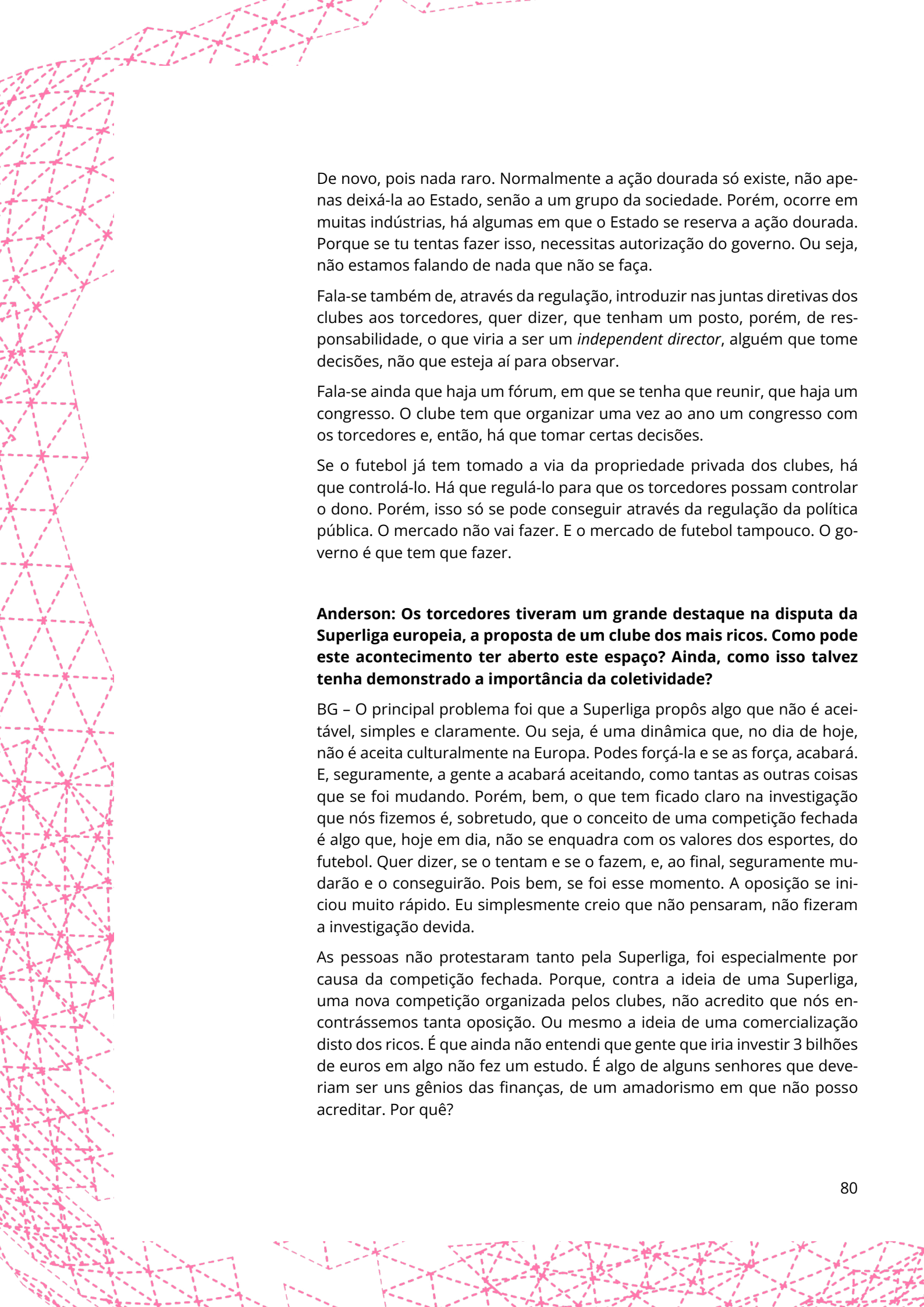
Por exemplo, na Espanha, pelo que li, há um artigo de Ángel Barajas e outros doutores que disseram que enquanto há propriedade privada, é mais eficaz se está muito repartida. É curioso, eles fizeram números e a conclusão é que, não necessariamente vão ganhar mais títulos, mas que é mais eficiente do ponto de vista econômico se a propriedade for muito distribuída do que se tem apenas uma pessoa.

Mas vamos lá, de uma forma que tem que regulá-lo, você tem que dizer “não, ninguém pode ter mais de 10 por cento de um clube”, por exemplo. Porque se você não regular, não vai acontecer. Então, claro, se estamos falando de participação de torcedores, num momento no qual já o mercantilizamos e começamos a falar de propriedade privada, é muito complicado. Sim, porque os torcedores raramente conseguirão se apossar da propriedade ou de uma parte significativa da propriedade.

Há casos que meio que conseguiram. Aqui no Betis, por exemplo, os pequenos acionistas se uniram e conseguiram expulsar Manuel Ruiz de Lopera. O Málaga conseguiu levar o xequê a julgamento, mas, claro, o xequê foi para o Catar e, como não há extradição, tudo parou por aí. Então, bem, eles podem, em alguns casos se uniram, os pequenos acionistas se uniram, mas, claro, são casos assim, expulsar a este dono, ou seja, em geral é complicado.

Então, entramos na via da regulação. A ver, se tem falado durante muito tempo sobre o caso da Alemanha, 50% mais um, porém, é regulação. Há propriedade, porém a propriedade nunca pode ser mais de 49%.

Está se falando muito aqui na Espanha, no Reino Unido, de regular basicamente que através da lei, da regulação aos torcedores, que os dê uma série de direitos. Quer dizer, por exemplo, que tenham uma ação dourada, que para determinadas coisas o dono não pode fazer se não autorizam os torcedores. Isto é, para mudar o escudo, trocar de estádio, para vender o clube... Pois isso poderia ser uma maneira de fazê-lo, quero dizer, dar-lhes um certo poder através da regulação.



De novo, pois nada raro. Normalmente a ação dourada só existe, não apenas deixá-la ao Estado, senão a um grupo da sociedade. Porém, ocorre em muitas indústrias, há algumas em que o Estado se reserva a ação dourada. Porque se tu tentas fazer isso, necessitas autorização do governo. Ou seja, não estamos falando de nada que não se faça.

Fala-se também de, através da regulação, introduzir nas juntas diretivas dos clubes aos torcedores, quer dizer, que tenham um posto, porém, de responsabilidade, o que viria a ser um *independent director*, alguém que tome decisões, não que esteja aí para observar.

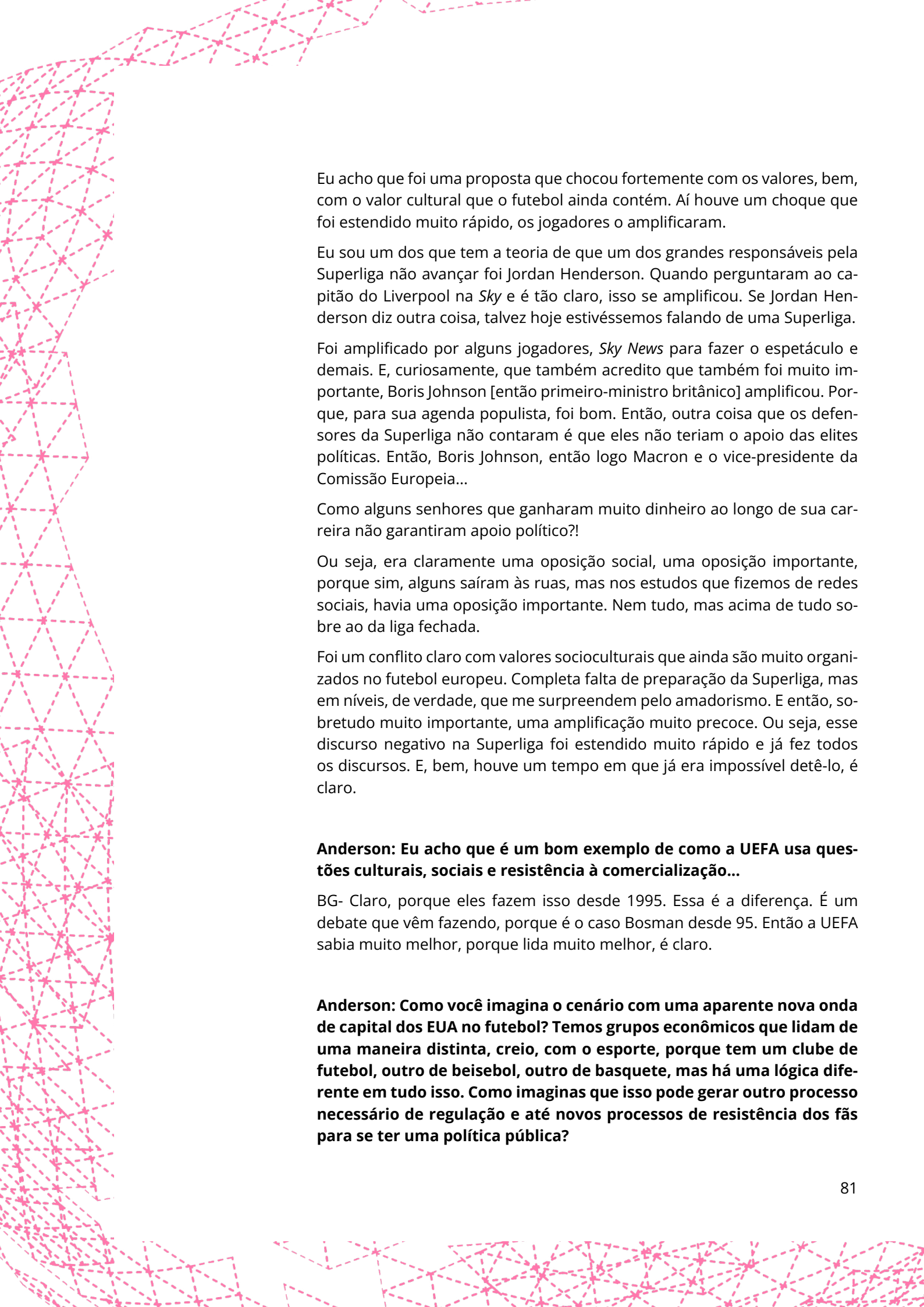
Fala-se ainda que haja um fórum, em que se tenha que reunir, que haja um congresso. O clube tem que organizar uma vez ao ano um congresso com os torcedores e, então, há que tomar certas decisões.

Se o futebol já tem tomado a via da propriedade privada dos clubes, há que controlá-lo. Há que regulá-lo para que os torcedores possam controlar o dono. Porém, isso só se pode conseguir através da regulação da política pública. O mercado não vai fazer. E o mercado de futebol tampouco. O governo é que tem que fazer.

**Anderson: Os torcedores tiveram um grande destaque na disputa da Superliga europeia, a proposta de um clube dos mais ricos. Como pode este acontecimento ter aberto este espaço? Ainda, como isso talvez tenha demonstrado a importância da coletividade?**

BG – O principal problema foi que a Superliga propôs algo que não é aceitável, simples e claramente. Ou seja, é uma dinâmica que, no dia de hoje, não é aceita culturalmente na Europa. Podes forçá-la e se as força, acabará. E, seguramente, a gente a acabará aceitando, como tantas as outras coisas que se foi mudando. Porém, bem, o que tem ficado claro na investigação que nós fizemos é, sobretudo, que o conceito de uma competição fechada é algo que, hoje em dia, não se enquadra com os valores dos esportes, do futebol. Quer dizer, se o tentam e se o fazem, e, ao final, seguramente mudarão e o conseguirão. Pois bem, se foi esse momento. A oposição se iniciou muito rápido. Eu simplesmente creio que não pensaram, não fizeram a investigação devida.

As pessoas não protestaram tanto pela Superliga, foi especialmente por causa da competição fechada. Porque, contra a ideia de uma Superliga, uma nova competição organizada pelos clubes, não acredito que nós encontrássemos tanta oposição. Ou mesmo a ideia de uma comercialização disto dos ricos. É que ainda não entendi que gente que iria investir 3 bilhões de euros em algo não fez um estudo. É algo de alguns senhores que deveriam ser uns gênios das finanças, de um amadorismo em que não posso acreditar. Por quê?



Eu acho que foi uma proposta que chocou fortemente com os valores, bem, com o valor cultural que o futebol ainda contém. Aí houve um choque que foi estendido muito rápido, os jogadores o amplificaram.

Eu sou um dos que tem a teoria de que um dos grandes responsáveis pela Superliga não avançar foi Jordan Henderson. Quando perguntaram ao capitão do Liverpool na *Sky* e é tão claro, isso se amplificou. Se Jordan Henderson diz outra coisa, talvez hoje estivéssemos falando de uma Superliga.

Foi amplificado por alguns jogadores, *Sky News* para fazer o espetáculo e demais. E, curiosamente, que também acredito que também foi muito importante, Boris Johnson [então primeiro-ministro britânico] amplificou. Porque, para sua agenda populista, foi bom. Então, outra coisa que os defensores da Superliga não contaram é que eles não teriam o apoio das elites políticas. Então, Boris Johnson, então logo Macron e o vice-presidente da Comissão Europeia...

Como alguns senhores que ganharam muito dinheiro ao longo de sua carreira não garantiram apoio político?!

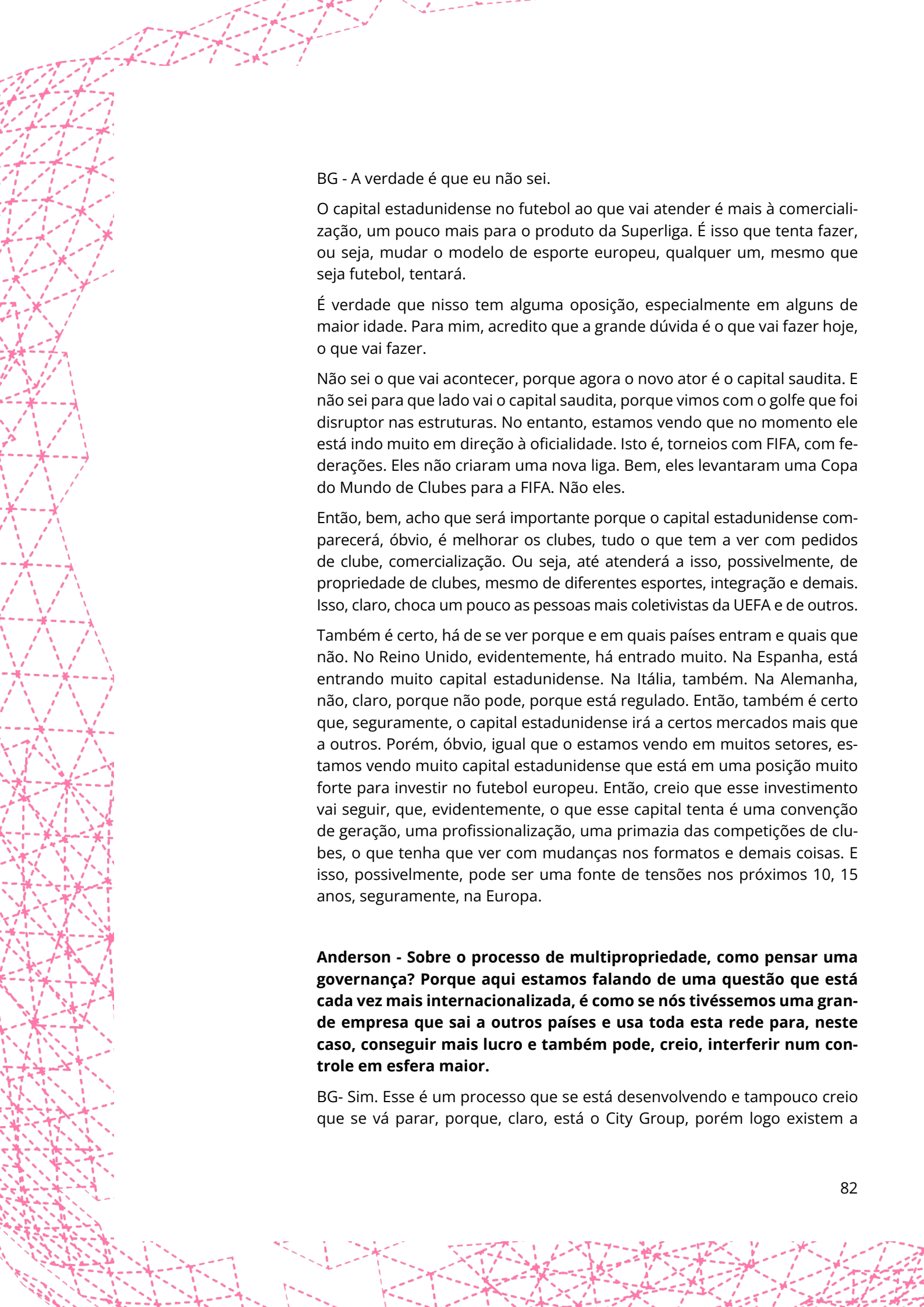
Ou seja, era claramente uma oposição social, uma oposição importante, porque sim, alguns saíram às ruas, mas nos estudos que fizemos de redes sociais, havia uma oposição importante. Nem tudo, mas acima de tudo sobre ao da liga fechada.

Foi um conflito claro com valores socioculturais que ainda são muito organizados no futebol europeu. Completa falta de preparação da Superliga, mas em níveis, de verdade, que me surpreendem pelo amadorismo. E então, sobretudo muito importante, uma amplificação muito precoce. Ou seja, esse discurso negativo na Superliga foi estendido muito rápido e já fez todos os discursos. E, bem, houve um tempo em que já era impossível detê-lo, é claro.

**Anderson: Eu acho que é um bom exemplo de como a UEFA usa questões culturais, sociais e resistência à comercialização...**

BG- Claro, porque eles fazem isso desde 1995. Essa é a diferença. É um debate que vêm fazendo, porque é o caso Bosman desde 95. Então a UEFA sabia muito melhor, porque lida muito melhor, é claro.

**Anderson: Como você imagina o cenário com uma aparente nova onda de capital dos EUA no futebol? Temos grupos econômicos que lidam de uma maneira distinta, creio, com o esporte, porque tem um clube de futebol, outro de beisebol, outro de basquete, mas há uma lógica diferente em tudo isso. Como imaginas que isso pode gerar outro processo necessário de regulação e até novos processos de resistência dos fãs para se ter uma política pública?**



BG - A verdade é que eu não sei.

O capital estadunidense no futebol ao que vai atender é mais à comercialização, um pouco mais para o produto da Superliga. É isso que tenta fazer, ou seja, mudar o modelo de esporte europeu, qualquer um, mesmo que seja futebol, tentará.

É verdade que nisso tem alguma oposição, especialmente em alguns de maior idade. Para mim, acredito que a grande dúvida é o que vai fazer hoje, o que vai fazer.

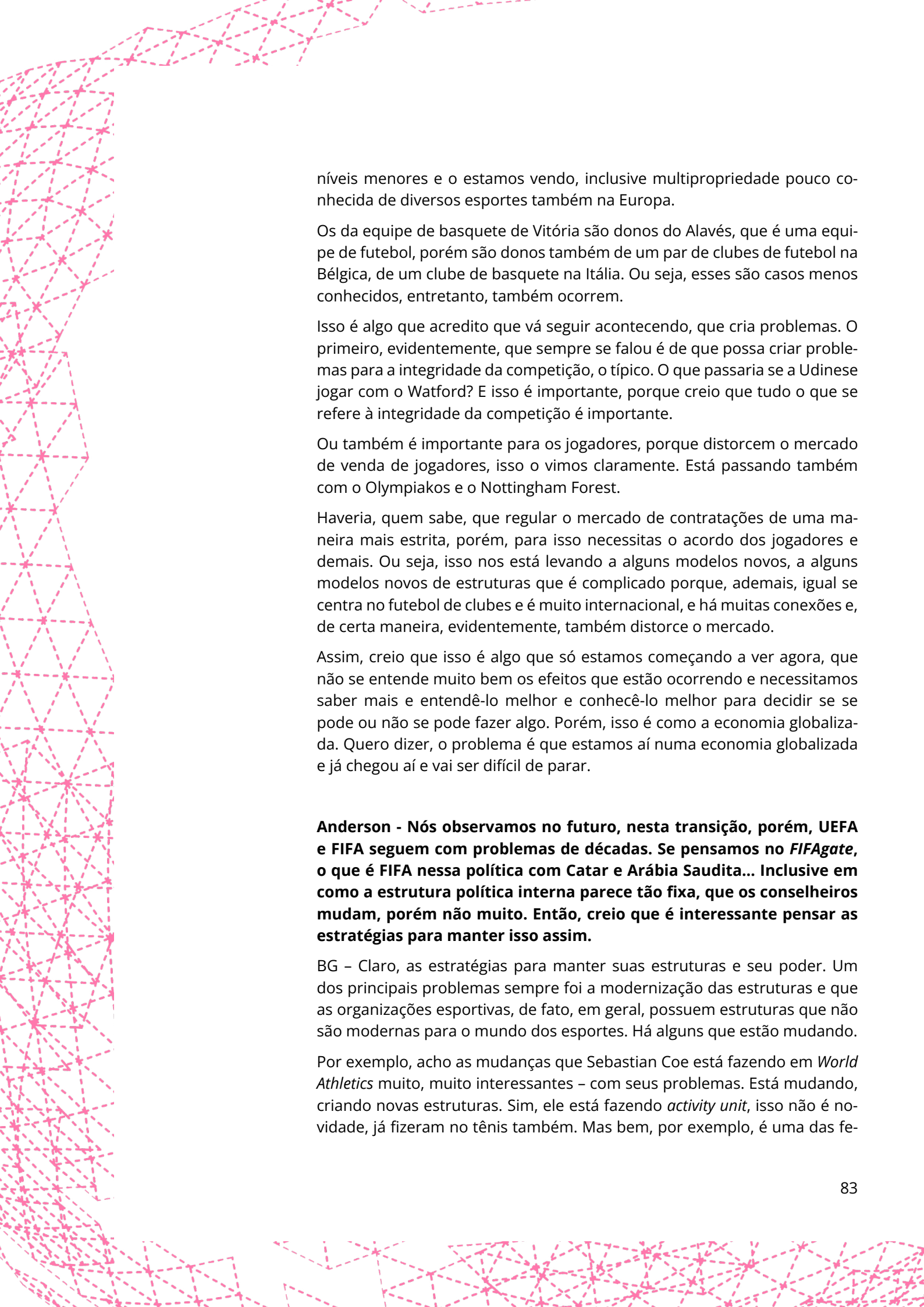
Não sei o que vai acontecer, porque agora o novo ator é o capital saudita. E não sei para que lado vai o capital saudita, porque vimos com o golfe que foi disruptor nas estruturas. No entanto, estamos vendo que no momento ele está indo muito em direção à oficialidade. Isto é, torneios com FIFA, com federações. Eles não criaram uma nova liga. Bem, eles levantaram uma Copa do Mundo de Clubes para a FIFA. Não eles.

Então, bem, acho que será importante porque o capital estadunidense comparecerá, óbvio, é melhorar os clubes, tudo o que tem a ver com pedidos de clube, comercialização. Ou seja, até atenderá a isso, possivelmente, de propriedade de clubes, mesmo de diferentes esportes, integração e demais. Isso, claro, choca um pouco as pessoas mais coletivistas da UEFA e de outros.

Também é certo, há de se ver porque e em quais países entram e quais que não. No Reino Unido, evidentemente, há entrado muito. Na Espanha, está entrando muito capital estadunidense. Na Itália, também. Na Alemanha, não, claro, porque não pode, porque está regulado. Então, também é certo que, seguramente, o capital estadunidense irá a certos mercados mais que a outros. Porém, óbvio, igual que o estamos vendo em muitos setores, estamos vendo muito capital estadunidense que está em uma posição muito forte para investir no futebol europeu. Então, creio que esse investimento vai seguir, que, evidentemente, o que esse capital tenta é uma convenção de geração, uma profissionalização, uma primazia das competições de clubes, o que tenha que ver com mudanças nos formatos e demais coisas. E isso, possivelmente, pode ser uma fonte de tensões nos próximos 10, 15 anos, seguramente, na Europa.

**Anderson - Sobre o processo de multipropriedade, como pensar uma governança? Porque aqui estamos falando de uma questão que está cada vez mais internacionalizada, é como se nós tivéssemos uma grande empresa que sai a outros países e usa toda esta rede para, neste caso, conseguir mais lucro e também pode, creio, interferir num controle em esfera maior.**

BG- Sim. Esse é um processo que se está desenvolvendo e tampouco creio que se vá parar, porque, claro, está o City Group, porém logo existem a



níveis menores e o estamos vendo, inclusive multipropriedade pouco conhecida de diversos esportes também na Europa.

Os da equipe de basquete de Vitória são donos do Alavés, que é uma equipe de futebol, porém são donos também de um par de clubes de futebol na Bélgica, de um clube de basquete na Itália. Ou seja, esses são casos menos conhecidos, entretanto, também ocorrem.

Isso é algo que acredito que vá seguir acontecendo, que cria problemas. O primeiro, evidentemente, que sempre se falou é de que possa criar problemas para a integridade da competição, o típico. O que passaria se a Udinese jogar com o Watford? E isso é importante, porque creio que tudo o que se refere à integridade da competição é importante.

Ou também é importante para os jogadores, porque distorcem o mercado de venda de jogadores, isso o vimos claramente. Está passando também com o Olympiakos e o Nottingham Forest.

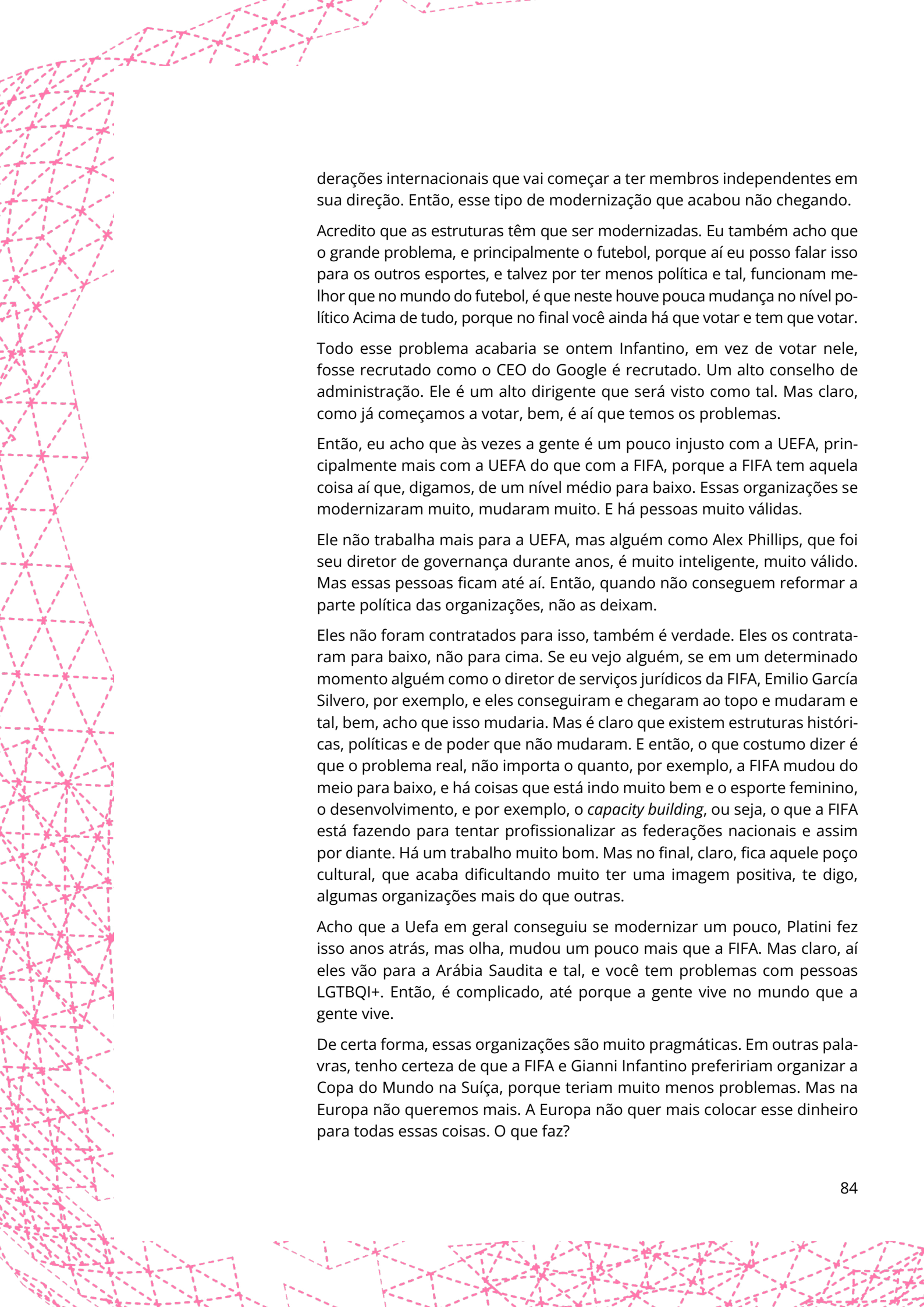
Haveria, quem sabe, que regular o mercado de contratações de uma maneira mais estrita, porém, para isso necessitas o acordo dos jogadores e demais. Ou seja, isso nos está levando a alguns modelos novos, a alguns modelos novos de estruturas que é complicado porque, ademais, igual se centra no futebol de clubes e é muito internacional, e há muitas conexões e, de certa maneira, evidentemente, também distorce o mercado.

Assim, creio que isso é algo que só estamos começando a ver agora, que não se entende muito bem os efeitos que estão ocorrendo e necessitamos saber mais e entendê-lo melhor e conhecê-lo melhor para decidir se se pode ou não se pode fazer algo. Porém, isso é como a economia globalizada. Quero dizer, o problema é que estamos aí numa economia globalizada e já chegou aí e vai ser difícil de parar.

**Anderson - Nós observamos no futuro, nesta transição, porém, UEFA e FIFA seguem com problemas de décadas. Se pensamos no *FIFAgate*, o que é FIFA nessa política com Catar e Arábia Saudita... Inclusive em como a estrutura política interna parece tão fixa, que os conselheiros mudam, porém não muito. Então, creio que é interessante pensar as estratégias para manter isso assim.**

BG – Claro, as estratégias para manter suas estruturas e seu poder. Um dos principais problemas sempre foi a modernização das estruturas e que as organizações esportivas, de fato, em geral, possuem estruturas que não são modernas para o mundo dos esportes. Há alguns que estão mudando.

Por exemplo, acho as mudanças que Sebastian Coe está fazendo em *World Athletics* muito, muito interessantes – com seus problemas. Está mudando, criando novas estruturas. Sim, ele está fazendo *activity unit*, isso não é novidade, já fizeram no tênis também. Mas bem, por exemplo, é uma das fe-



derações internacionais que vai começar a ter membros independentes em sua direção. Então, esse tipo de modernização que acabou não chegando.

Acredito que as estruturas têm que ser modernizadas. Eu também acho que o grande problema, e principalmente o futebol, porque aí eu posso falar isso para os outros esportes, e talvez por ter menos política e tal, funcionam melhor que no mundo do futebol, é que neste houve pouca mudança no nível político. Acima de tudo, porque no final você ainda há que votar e tem que votar.

Todo esse problema acabaria se ontem Infantino, em vez de votar nele, fosse recrutado como o CEO do Google é recrutado. Um alto conselho de administração. Ele é um alto dirigente que será visto como tal. Mas claro, como já começamos a votar, bem, é aí que temos os problemas.

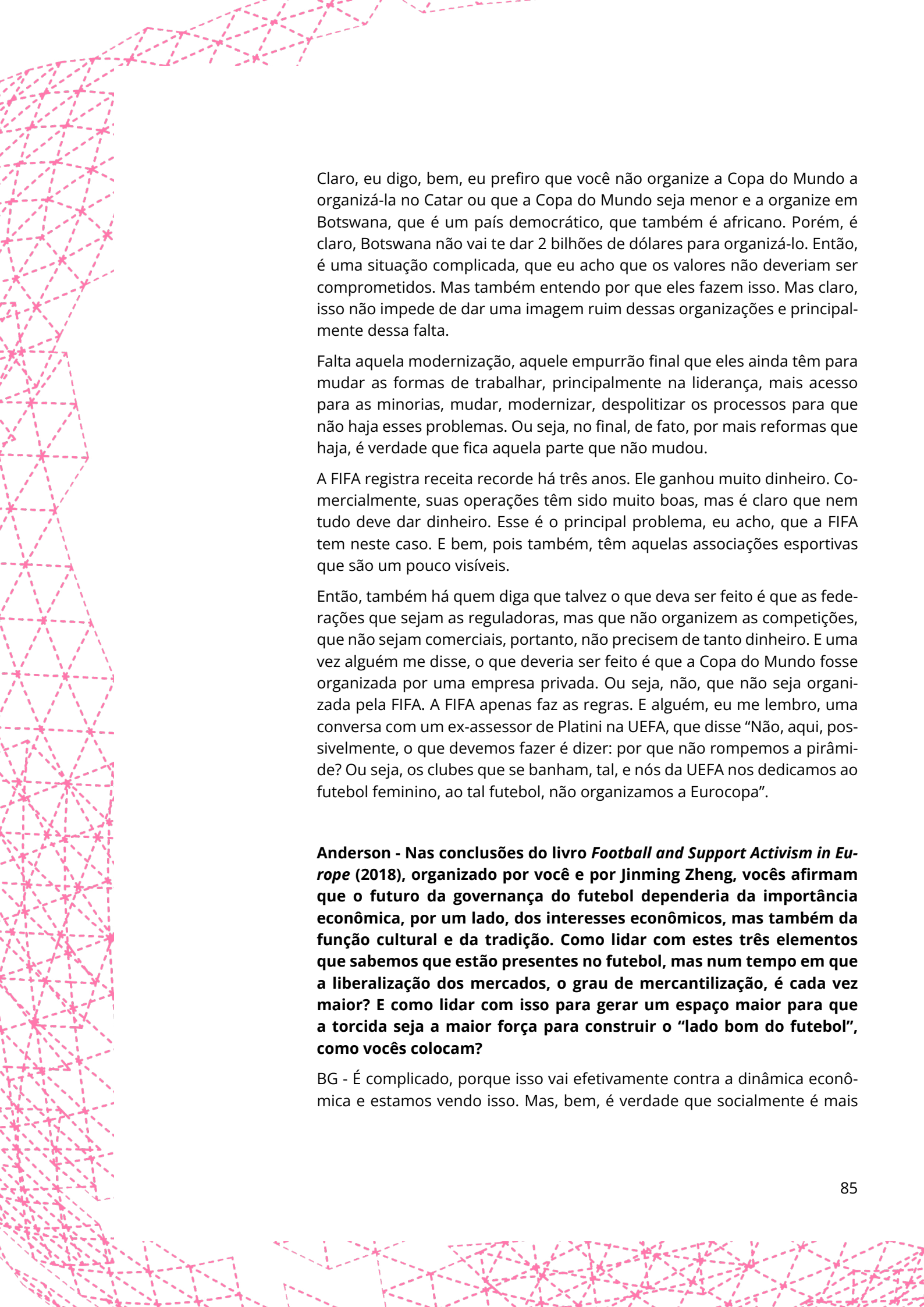
Então, eu acho que às vezes a gente é um pouco injusto com a UEFA, principalmente mais com a UEFA do que com a FIFA, porque a FIFA tem aquela coisa aí que, digamos, de um nível médio para baixo. Essas organizações se modernizaram muito, mudaram muito. E há pessoas muito válidas.

Ele não trabalha mais para a UEFA, mas alguém como Alex Phillips, que foi seu diretor de governança durante anos, é muito inteligente, muito válido. Mas essas pessoas ficam até aí. Então, quando não conseguem reformar a parte política das organizações, não as deixam.

Eles não foram contratados para isso, também é verdade. Eles os contrataram para baixo, não para cima. Se eu vejo alguém, se em um determinado momento alguém como o diretor de serviços jurídicos da FIFA, Emilio García Silvero, por exemplo, e eles conseguiram e chegaram ao topo e mudaram e tal, bem, acho que isso mudaria. Mas é claro que existem estruturas históricas, políticas e de poder que não mudam. E então, o que costumo dizer é que o problema real, não importa o quanto, por exemplo, a FIFA mudou do meio para baixo, e há coisas que está indo muito bem e o esporte feminino, o desenvolvimento, e por exemplo, o *capacity building*, ou seja, o que a FIFA está fazendo para tentar profissionalizar as federações nacionais e assim por diante. Há um trabalho muito bom. Mas no final, claro, fica aquele poço cultural, que acaba dificultando muito ter uma imagem positiva, te digo, algumas organizações mais do que outras.

Acho que a Uefa em geral conseguiu se modernizar um pouco, Platini fez isso anos atrás, mas olha, mudou um pouco mais que a FIFA. Mas claro, aí eles vão para a Arábia Saudita e tal, e você tem problemas com pessoas LGBTQI+. Então, é complicado, até porque a gente vive no mundo que a gente vive.

De certa forma, essas organizações são muito pragmáticas. Em outras palavras, tenho certeza de que a FIFA e Gianni Infantino prefeririam organizar a Copa do Mundo na Suíça, porque teriam muito menos problemas. Mas na Europa não queremos mais. A Europa não quer mais colocar esse dinheiro para todas essas coisas. O que faz?



Claro, eu digo, bem, eu prefiro que você não organize a Copa do Mundo a organizá-la no Catar ou que a Copa do Mundo seja menor e a organize em Botswana, que é um país democrático, que também é africano. Porém, é claro, Botswana não vai te dar 2 bilhões de dólares para organizá-lo. Então, é uma situação complicada, que eu acho que os valores não deveriam ser comprometidos. Mas também entendo por que eles fazem isso. Mas claro, isso não impede de dar uma imagem ruim dessas organizações e principalmente dessa falta.

Falta aquela modernização, aquele empurrão final que eles ainda têm para mudar as formas de trabalhar, principalmente na liderança, mais acesso para as minorias, mudar, modernizar, despolitizar os processos para que não haja esses problemas. Ou seja, no final, de fato, por mais reformas que haja, é verdade que fica aquela parte que não mudou.

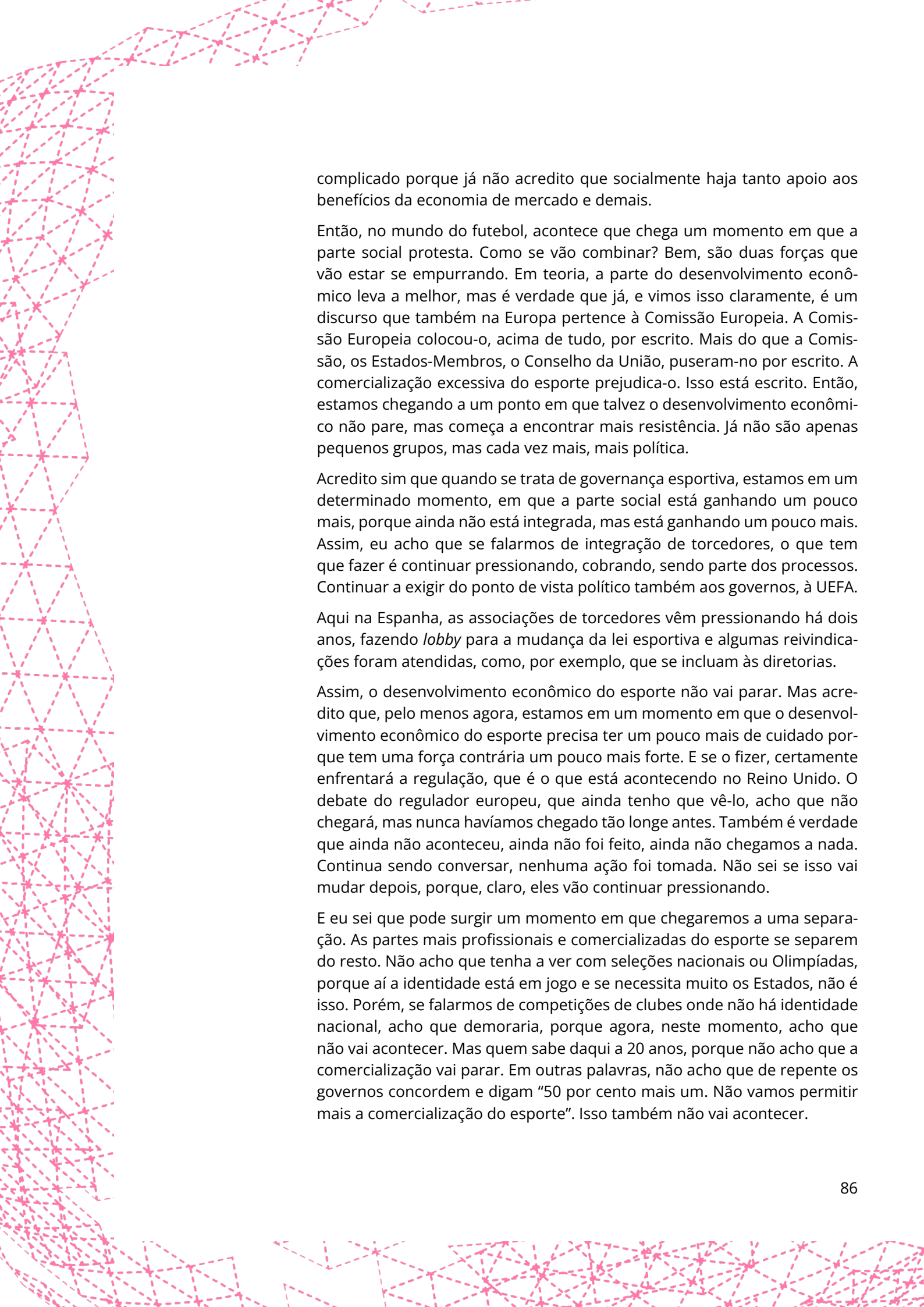
A FIFA registra receita recorde há três anos. Ele ganhou muito dinheiro. Comercialmente, suas operações têm sido muito boas, mas é claro que nem tudo deve dar dinheiro. Esse é o principal problema, eu acho, que a FIFA tem neste caso. E bem, pois também, têm aquelas associações esportivas que são um pouco visíveis.

Então, também há quem diga que talvez o que deva ser feito é que as federações que sejam as reguladoras, mas que não organizem as competições, que não sejam comerciais, portanto, não precisem de tanto dinheiro. E uma vez alguém me disse, o que deveria ser feito é que a Copa do Mundo fosse organizada por uma empresa privada. Ou seja, não, que não seja organizada pela FIFA. A FIFA apenas faz as regras. E alguém, eu me lembro, uma conversa com um ex-assessor de Platini na UEFA, que disse “Não, aqui, possivelmente, o que devemos fazer é dizer: por que não rompemos a pirâmide? Ou seja, os clubes que se banham, tal, e nós da UEFA nos dedicamos ao futebol feminino, ao tal futebol, não organizamos a Eurocopa”.

**Anderson - Nas conclusões do livro *Football and Support Activism in Europe* (2018), organizado por você e por Jinming Zheng, vocês afirmam que o futuro da governança do futebol dependeria da importância econômica, por um lado, dos interesses econômicos, mas também da função cultural e da tradição. Como lidar com estes três elementos que sabemos que estão presentes no futebol, mas num tempo em que a liberalização dos mercados, o grau de mercantilização, é cada vez maior? E como lidar com isso para gerar um espaço maior para que a torcida seja a maior força para construir o “lado bom do futebol”, como vocês colocam?**

BG - É complicado, porque isso vai efetivamente contra a dinâmica econômica e estamos vendo isso. Mas, bem, é verdade que socialmente é mais





complicado porque já não acredito que socialmente haja tanto apoio aos benefícios da economia de mercado e demais.

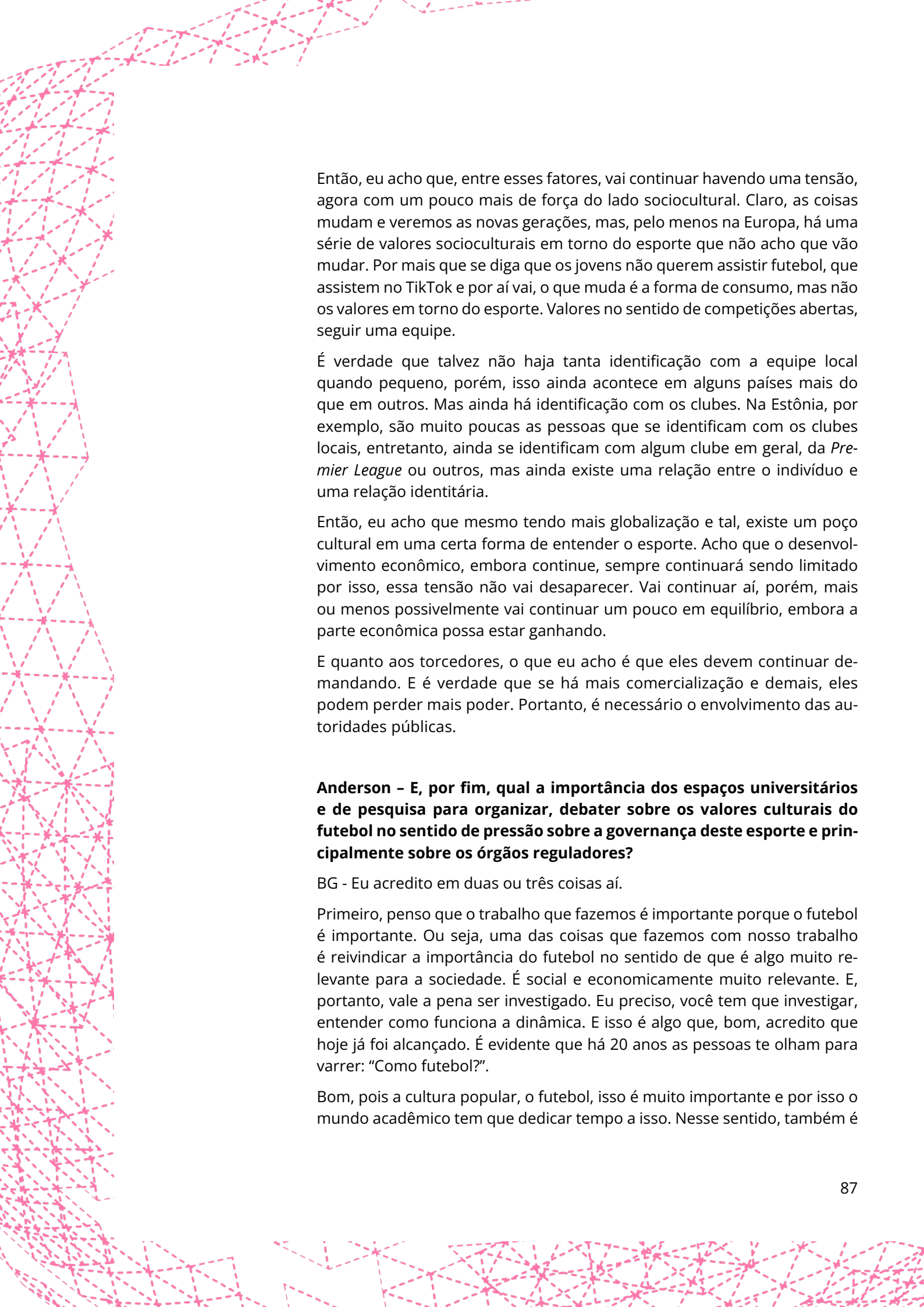
Então, no mundo do futebol, acontece que chega um momento em que a parte social protesta. Como se vão combinar? Bem, são duas forças que vão estar se empurrando. Em teoria, a parte do desenvolvimento econômico leva a melhor, mas é verdade que já, e vimos isso claramente, é um discurso que também na Europa pertence à Comissão Europeia. A Comissão Europeia colocou-o, acima de tudo, por escrito. Mais do que a Comissão, os Estados-Membros, o Conselho da União, puseram-no por escrito. A comercialização excessiva do esporte prejudica-o. Isso está escrito. Então, estamos chegando a um ponto em que talvez o desenvolvimento econômico não pare, mas começa a encontrar mais resistência. Já não são apenas pequenos grupos, mas cada vez mais, mais política.

Acredito sim que quando se trata de governança esportiva, estamos em um determinado momento, em que a parte social está ganhando um pouco mais, porque ainda não está integrada, mas está ganhando um pouco mais. Assim, eu acho que se falarmos de integração de torcedores, o que tem que fazer é continuar pressionando, cobrando, sendo parte dos processos. Continuar a exigir do ponto de vista político também aos governos, à UEFA.

Aqui na Espanha, as associações de torcedores vêm pressionando há dois anos, fazendo *lobby* para a mudança da lei esportiva e algumas reivindicações foram atendidas, como, por exemplo, que se incluam às diretorias.

Assim, o desenvolvimento econômico do esporte não vai parar. Mas acredito que, pelo menos agora, estamos em um momento em que o desenvolvimento econômico do esporte precisa ter um pouco mais de cuidado porque tem uma força contrária um pouco mais forte. E se o fizer, certamente enfrentará a regulação, que é o que está acontecendo no Reino Unido. O debate do regulador europeu, que ainda tenho que vê-lo, acho que não chegará, mas nunca havíamos chegado tão longe antes. Também é verdade que ainda não aconteceu, ainda não foi feito, ainda não chegamos a nada. Continua sendo conversar, nenhuma ação foi tomada. Não sei se isso vai mudar depois, porque, claro, eles vão continuar pressionando.

E eu sei que pode surgir um momento em que chegaremos a uma separação. As partes mais profissionais e comercializadas do esporte se separem do resto. Não acho que tenha a ver com seleções nacionais ou Olimpíadas, porque aí a identidade está em jogo e se necessita muito os Estados, não é isso. Porém, se falarmos de competições de clubes onde não há identidade nacional, acho que demoraria, porque agora, neste momento, acho que não vai acontecer. Mas quem sabe daqui a 20 anos, porque não acho que a comercialização vai parar. Em outras palavras, não acho que de repente os governos concordem e digam "50 por cento mais um. Não vamos permitir mais a comercialização do esporte". Isso também não vai acontecer.



Então, eu acho que, entre esses fatores, vai continuar havendo uma tensão, agora com um pouco mais de força do lado sociocultural. Claro, as coisas mudam e veremos as novas gerações, mas, pelo menos na Europa, há uma série de valores socioculturais em torno do esporte que não acho que vão mudar. Por mais que se diga que os jovens não querem assistir futebol, que assistem no TikTok e por aí vai, o que muda é a forma de consumo, mas não os valores em torno do esporte. Valores no sentido de competições abertas, seguir uma equipe.

É verdade que talvez não haja tanta identificação com a equipe local quando pequeno, porém, isso ainda acontece em alguns países mais do que em outros. Mas ainda há identificação com os clubes. Na Estônia, por exemplo, são muito poucas as pessoas que se identificam com os clubes locais, entretanto, ainda se identificam com algum clube em geral, da *Premier League* ou outros, mas ainda existe uma relação entre o indivíduo e uma relação identitária.

Então, eu acho que mesmo tendo mais globalização e tal, existe um poço cultural em uma certa forma de entender o esporte. Acho que o desenvolvimento econômico, embora continue, sempre continuará sendo limitado por isso, essa tensão não vai desaparecer. Vai continuar aí, porém, mais ou menos possivelmente vai continuar um pouco em equilíbrio, embora a parte econômica possa estar ganhando.


E quanto aos torcedores, o que eu acho é que eles devem continuar demandando. E é verdade que se há mais comercialização e demais, eles podem perder mais poder. Portanto, é necessário o envolvimento das autoridades públicas.

**Anderson – E, por fim, qual a importância dos espaços universitários e de pesquisa para organizar, debater sobre os valores culturais do futebol no sentido de pressão sobre a governança deste esporte e principalmente sobre os órgãos reguladores?**

BG - Eu acredito em duas ou três coisas aí.

Primeiro, penso que o trabalho que fazemos é importante porque o futebol é importante. Ou seja, uma das coisas que fazemos com nosso trabalho é reivindicar a importância do futebol no sentido de que é algo muito relevante para a sociedade. É social e economicamente muito relevante. E, portanto, vale a pena ser investigado. Eu preciso, você tem que investigar, entender como funciona a dinâmica. E isso é algo que, bom, acredito que hoje já foi alcançado. É evidente que há 20 anos as pessoas te olham para varrer: “Como futebol?”.

Bom, pois a cultura popular, o futebol, isso é muito importante e por isso o mundo acadêmico tem que dedicar tempo a isso. Nesse sentido, também é



importante que, do ponto de vista acadêmico, estabeleçamos a relevância acadêmica para nossa própria comunidade esportiva, como algo que vale a pena investigar.

Por quê? Porque isso está ligado à segunda parte, que é que desde o ponto de vista do mundo como acadêmicos, nosso trabalho se deve à sociedade. Ou seja, temos que fazer pesquisa, ensinar sobre coisas que são relevantes para a sociedade. E o futebol e o esporte são muito relevantes para a sociedade. É importante que, uma vez que façamos essa pesquisa e esse ensino, desçamos com as pessoas. Acho que é importante que formemos parte dessas políticas públicas, desse desenvolvimento, que o nosso ponto de vista tem que ser o que, como costumam nos chamar, sempre o de um “amigo crítico”.

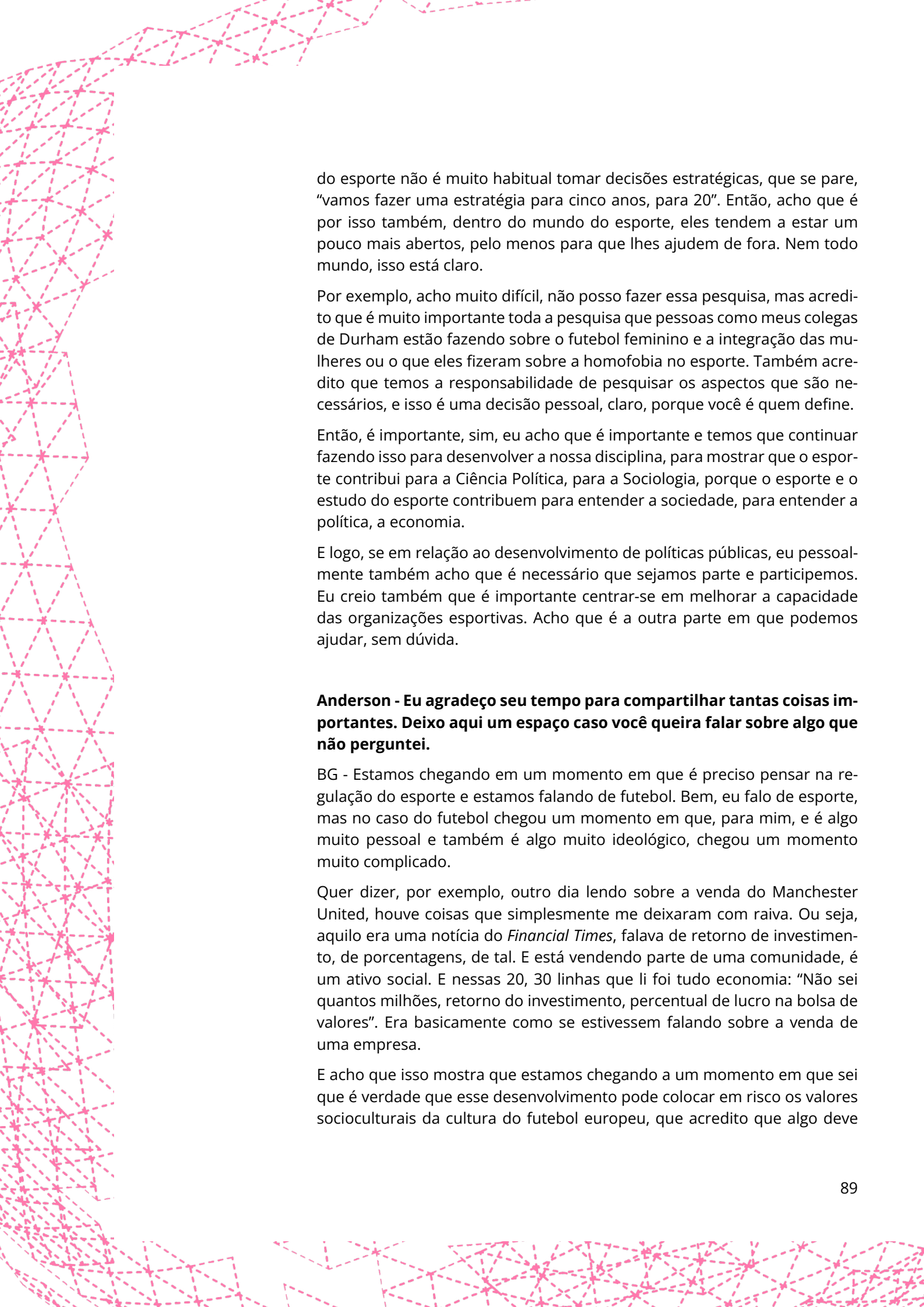
Então, claro, quando faço esse trabalho, tenho uma ideia muito clara de como o futebol deveria ser e no que acredito. E, bem, eu trabalhei e trabalho muito com os torcedores. Em outras palavras, nunca seremos neutros. Mas é importante que sejamos, com nossa forma de ver e entender, também críticos. Tem de ajudar a melhorar, a pressionar, mas também a reconhecer as coisas que se fazem bem.

Acho importante que participemos, porque, ademais, temos tempo para isso, recursos para fazer, todas as habilidades para entender, para explicar. Porque, ao final, o que temos desde a academia talvez seja um pouco mais de distância, porque quem trabalha no dia a dia fazendo política pública está demais nisso. Então, às vezes eles precisam que alguém lhes diga “não, olha isso um pouco, de mais de fora e essas são as diferentes possibilidades ou essas são as distintas consequências e assim por diante”. Em outras palavras, acho importante que participemos sendo críticos, fornecendo não apenas a evidência, mas também a análise da evidência. Isso é sempre, obviamente, o que mais podemos contribuir.

Assim, eu acho que esse tem que ser o nosso papel e tem que ser o ato de participar desses processos, de dar o nosso julgamento ou contribuir. Mas também para aconselhar quem participa. Então, eu acho que é um trabalho importante.

Acho que primeiro a gente tem que levar o nosso trabalho a sério e fazer um trabalho de qualidade, ou seja, dar a conhecer academicamente, metodologicamente, de boa qualidade, ser críticos acima de tudo. E depois também, bom, participar desses procedimentos. Nenhum de nós vai tomar as decisões, mas acredito que a partir dos fóruns acadêmicos devemos tentar participar.

No mundo do esporte, na Europa, os *stakeholders* são bastante receptivos. Uns mais que outros, claro, aqueles com uma visão mais política. Mas, estão mais receptivos porque no final o que acontece é que estão a dedicar-se ao seu dia a dia, a gerir e ganhar jogos e contratações e o demais. No mundo



do esporte não é muito habitual tomar decisões estratégicas, que se pare, “vamos fazer uma estratégia para cinco anos, para 20”. Então, acho que é por isso também, dentro do mundo do esporte, eles tendem a estar um pouco mais abertos, pelo menos para que lhes ajudem de fora. Nem todo mundo, isso está claro.

Por exemplo, acho muito difícil, não posso fazer essa pesquisa, mas acredito que é muito importante toda a pesquisa que pessoas como meus colegas de Durham estão fazendo sobre o futebol feminino e a integração das mulheres ou o que eles fizeram sobre a homofobia no esporte. Também acredito que temos a responsabilidade de pesquisar os aspectos que são necessários, e isso é uma decisão pessoal, claro, porque você é quem define.

Então, é importante, sim, eu acho que é importante e temos que continuar fazendo isso para desenvolver a nossa disciplina, para mostrar que o esporte contribui para a Ciência Política, para a Sociologia, porque o esporte e o estudo do esporte contribuem para entender a sociedade, para entender a política, a economia.

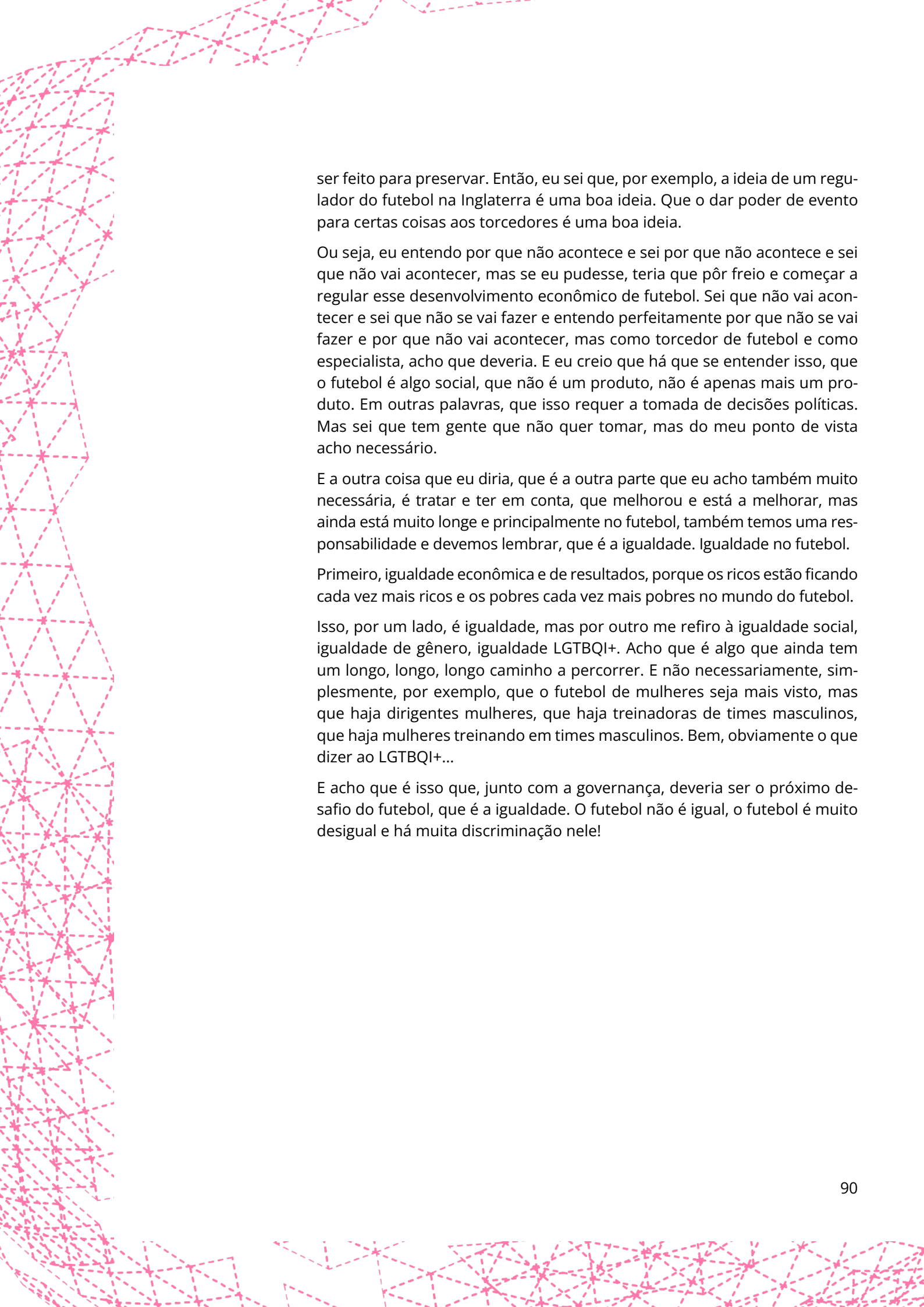
E logo, se em relação ao desenvolvimento de políticas públicas, eu pessoalmente também acho que é necessário que sejamos parte e participemos. Eu creio também que é importante centrar-se em melhorar a capacidade das organizações esportivas. Acho que é a outra parte em que podemos ajudar, sem dúvida.

**Anderson - Eu agradeço seu tempo para compartilhar tantas coisas importantes. Deixo aqui um espaço caso você queira falar sobre algo que não perguntei.**

BG - Estamos chegando em um momento em que é preciso pensar na regulação do esporte e estamos falando de futebol. Bem, eu falo de esporte, mas no caso do futebol chegou um momento em que, para mim, e é algo muito pessoal e também é algo muito ideológico, chegou um momento muito complicado.

Quer dizer, por exemplo, outro dia lendo sobre a venda do Manchester United, houve coisas que simplesmente me deixaram com raiva. Ou seja, aquilo era uma notícia do *Financial Times*, falava de retorno de investimento, de porcentagens, de tal. E está vendendo parte de uma comunidade, é um ativo social. E nessas 20, 30 linhas que li foi tudo economia: “Não sei quantos milhões, retorno do investimento, percentual de lucro na bolsa de valores”. Era basicamente como se estivessem falando sobre a venda de uma empresa.

E acho que isso mostra que estamos chegando a um momento em que sei que é verdade que esse desenvolvimento pode colocar em risco os valores socioculturais da cultura do futebol europeu, que acredito que algo deve



ser feito para preservar. Então, eu sei que, por exemplo, a ideia de um regulador do futebol na Inglaterra é uma boa ideia. Que o dar poder de evento para certas coisas aos torcedores é uma boa ideia.

Ou seja, eu entendo por que não acontece e sei por que não acontece e sei que não vai acontecer, mas se eu pudesse, teria que pôr freio e começar a regular esse desenvolvimento econômico de futebol. Sei que não vai acontecer e sei que não se vai fazer e entendo perfeitamente por que não se vai fazer e por que não vai acontecer, mas como torcedor de futebol e como especialista, acho que deveria. E eu creio que há que se entender isso, que o futebol é algo social, que não é um produto, não é apenas mais um produto. Em outras palavras, que isso requer a tomada de decisões políticas. Mas sei que tem gente que não quer tomar, mas do meu ponto de vista acho necessário.

E a outra coisa que eu diria, que é a outra parte que eu acho também muito necessária, é tratar e ter em conta, que melhorou e está a melhorar, mas ainda está muito longe e principalmente no futebol, também temos uma responsabilidade e devemos lembrar, que é a igualdade. Igualdade no futebol.

Primeiro, igualdade econômica e de resultados, porque os ricos estão ficando cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres no mundo do futebol.

Isso, por um lado, é igualdade, mas por outro me refiro à igualdade social, igualdade de gênero, igualdade LGBTQI+. Acho que é algo que ainda tem um longo, longo, longo caminho a percorrer. E não necessariamente, simplesmente, por exemplo, que o futebol de mulheres seja mais visto, mas que haja dirigentes mulheres, que haja treinadoras de times masculinos, que haja mulheres treinando em times masculinos. Bem, obviamente o que dizer ao LGBTQI+...

E acho que é isso que, junto com a governança, deveria ser o próximo desafio do futebol, que é a igualdade. O futebol não é igual, o futebol é muito desigual e há muita discriminação nele!